

PAUL AUSTER: UM POETA DO OLHO

Egle Pereira da Silva (UERJ)
eglesilva@hotmail.com

Este trabalho aborda uma faceta pouco conhecida do escritor norte-americano, Paul Auster: a de poeta. Auster publicou um total de cinco livros de poesia, dos quais emerge um elemento semiótico essencial para sua obra poética: o olho. O ver, em seus poemas, precede o dizer - escrever equivale a ver. A enunciação poética tem sua origem no olho, é a síntese do visível. O poeta, por sua vez, é simultaneamente adâmico e babélico, pois batiza o mundo e se dispersa nele. A “poesia do olho” implica essa dispersão, que acontece sob a forma de exílio: o poeta pertence ao exílio, não só porque está fora do mundo, mas também fora de si. Se sua obrigação é ver, o dever é não ser visto. Seu esforço é o de manter o exílio intacto. Dito isto, delimitam-se os pontos de investigação: o olho como metáfora do escrever, o poema como um esforço por perceber, o poeta como princípio e fim de todas as coisas, o poema como exílio. Os fundamentos teóricos desta pesquisa advêm de Hans Blumenberg, Merleau-Ponty, Hans Vaihinger e Maurice Blanchot.